

O Brasil está atravessando uma das piores crises econômicas da história, com impactos severos sobre emprego, renda, inadimplência e a própria situação fiscal do país. As discussões sobre a retomada da economia têm ganhado importância, mas os sinais de recuperação ainda não apareceram de fato. O Produto Interno Bruto (PIB) do país é composto basicamente por quatro pilares: consumo das famílias, gastos do governo, setor externo (exportação menos importação) e investimentos.

No que tange ao consumo das famílias, os dados do mercado de trabalho não são animadores, ainda que tenha ocorrido alguma melhoria na renda real devido a queda da inflação. A taxa de desemprego fechou o ano acima de 12%. A população desocupada passou de 8,6 milhões de pessoas em 2015 para 11,8 milhões em 2016. No pilar do gasto do governo, também não se espera contribuição relevante ao PIB, por vários fatores. O principal é que o endividamento do Governo está crescendo e já atingiu 45,9% do PIB em dezembro passado. Por consequência, várias medidas de contenção de gastos têm sido implementadas, a exemplo da recente aprovação da PEC dos Gastos.

Para o setor externo, também não há modificação significativa no cenário de exportações brasileiras. A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a recente valorização da taxa de câmbio aumenta as incertezas sobre a contribuição deste pilar para o PIB brasileiro. Além disso, a economia chinesa, um dos motores da economia mundial, cresce aquém do seu padrão histórico. Resta, portanto, o Investimento que depende basicamente de três fatores: expectativas, capacidade produtiva existente e taxa de juros. Os dois primeiros fatores ainda não deram sinais de recuperação. A utilização da capacidade produtiva da indústria nacional está em 76% e a confiança ainda não registrou melhora significativa. A melhor notícia está vindo da taxa de juros. Em janeiro deste ano o COPOM reduziu a Selic de 13,75% para 13,0% ao ano, com perspectiva de chegar em 9,5% em dezembro, em linha com o recuo da taxa de inflação. Portanto, todos os fundamentos econômicos sugerem um crescimento ainda anêmico da economia brasileira em 2017.

No caso do leite, o mercado internacional segue com redução da oferta nos principais produtores. Em uma amostra de países responsáveis por 45% da oferta mundial, verifica-se que a produção de leite entre junho e novembro de 2016 em relação ao mesmo período de 2015 recuou em 2,7 bilhões de litros (Figura 1), motivo que levou a uma recuperação dos preços internacionais.

No mercado interno, os preços do leite ao produtor também iniciaram uma recuperação, seja pela tendência sazonal ou pela oferta ainda restrita. Os preços do UHT no atacado e as cotações no mercado Spot também já começaram a subir. De novo, o que se verifica é que a alta de preços começou mais cedo. Espera-se que o movimento sazonal de preços (alta e baixa) não seja tão acentuado como foi 2016, gerando instabilidade para todos. Para isso, é preciso melhorar a coordenação e a confiança entre os elos da cadeia produtiva.

Como destacado na última nota de conjuntura (<http://www.cileite.com.br/content/nota-conjuntura>), acredita-se que este ano seja de recuperação da oferta de leite no mercado interno, mas sem excessos. A safra brasileira de grãos será recorde. Milho e soja juntos, deve totalizar quase 190 milhões de toneladas. O preço do milho, o vilão do custo em 2016, está recuando. A soja, por outro lado, deve subir um pouco. No conjunto dos insumos, no entanto, espera-se um cenário mais favorável para o produtor de leite do que o observado no ano passado.

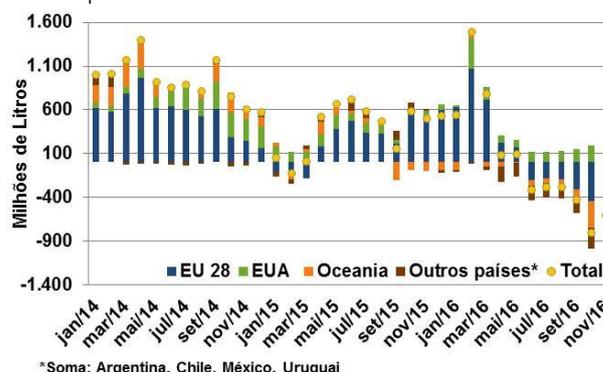


Figura 1 – Produção mundial de leite em países selecionados: variação no mês em relação ao mesmo mês do ano anterior

Esse documento é um resumo das informações discutidas na reunião de conjuntura da equipe da Plataforma Intelactus, realizada em 31/01/2017

Autores: Glauco Carvalho, Anderson Christ, João Cesar Resende, José Bellini, Vanessa Pereira, Ricardo Andrade*; Juliana Mota, Adriano Ramos**, Vinícius Macedo***

*Pesquisadores e Analistas da Embrapa. *Graduandos pela UFJF, **Graduando pela FMS.